

Editorial

A LUTA CONTINUA

A presidente Dilma Rousseff se manifestou, ontem, a respeito da votação do pedido de seu impeachment na Câmara Federal. Disse que está sendo injustiçada, que não renuncia ao mandato e que vai lutar no Senado com os instrumentos da democracia.

O pronunciamento é auspicioso porque demonstra que a presidente e seu partido acreditam que as leis e as instituições constituem o espaço em que as questões humanas devem ser resolvidas, quando não encontram outro meio de solução.

A presidente perdeu não só por causa das chamadas “pedaladas fiscais”, mas porque os deputados avaliaram a situação a que o país foi conduzido por força de uma política desastrosa do governo, com recessão, inflação, desemprego e corrupção.

A presidente foi alvo de uma decisão política. O ano é de eleições, e os deputados miraram o futuro, buscando a liderança que lhes oferecia maiores possibilidades de sobrevivência política. Por isso as referências frequentes a mulher, netos, cidades e Estados.

A população brasileira viu, no domingo, pela televisão, quem são seus representantes no Congresso. Eles têm a cara de nossa sociedade. Após o regime militar, a redemocratização permitiu o ingresso na política de representantes de variados segmentos.

O governo se surpreendeu com o fato de a maioria dos votos pró-impeachment ter vindo de sua base aliada. A “traição” é normal. Bem ou mal, um novo governo está prestes a ser instalado, e sua composição irá ajudar a reverter as expectativas negativas.

O desafio é enorme. Tudo vai depender de quanto o novo governo conseguirá realizar num curto tempo. O mais importante é melhorar a economia. Ela não mudará de uma hora para outra, mas restituir a confiança no ambiente já constituirá um passo decisivo.

A economia derrotou o atual governo. Agora, sua recuperação depende da política.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli	
PRESIDENTE Laura Medioli	
VICE-PRESIDENTE Marina Medioli	
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães	
GERENTE COMERCIAL Alessandra Soares	EDITORA EXECUTIVA Lúcia Castro
GERENTE DE TECNOLOGIA Fábio A. Santos	SECRETÁRIA DE REDAÇÃO Michele Borges da Costa
GERENTE INDUSTRIAL Guilherme Reis	ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO Murilo Rocha
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO Waldir Prado	CHEFE DE REPORTAGEM Renata Nunes
GERENTE DE MARKETING Monique Araki	EDITORES Opinião: Victor de Almeida Economia: Karlon Aredes Magazine: Silvana Mascagna Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla Política: Ricardo Corrêa Esportes: Denner Taylor Cidades: Marina Schettini Primeira: Frederico Duboc Fotografia: Rejane Araújo
GERENTE DE CIRCULAÇÃO Isabel Santos	

O.PINIÃO

Duke

O QUE VOCÊ TEM DE BOM AÍ PRA RESSACA?

DEPENDE, É RESSACA DE BEBEDEIRA OU DO IMPÍTIMA?



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

Eu poderia não ter voltado – eram tempos de fascismo

Devolvendo a beca do coral para não cantar para Geisel

Ideologia e práticas fascistas causam-me repugnância. Misto de medo e ódio. Quem combateu os tempos macabros de fascismo no Brasil (ditadura militar de 1964) carrega, além da repugnância, o sentimento do dever cumprido e a obrigação eterna de reconhecer e denunciar as diferentes faces do fascismo.

Desde pós-eleições presidenciais de 2014, tive a percepção de que o fascismo – que ensaiava sair da toca antes das eleições, sobretudo durante a campanha – reaparecia com vigor espantoso quando quem perdeu as eleições não aceitava a derrota, e sob o argumento do país dividido, devido a uma vitória inegável, porém numericamente “apertada”, movia mundos e fundos, querendo sair vencedor de um pleito que perdera no voto a voto!

Tal atitude não republicana encontrou eco em setores que sufragaram o nome do derrotado, mas muito mais na escória da política que sempre se beneficiou do fato de que somos um país dividido, não apenas por classe, mas também por recorte racial-étnico. País dividido é o “normal” do Brasil, pois desde sempre somos um país “apartado”.

Logo, país dividido é argumento que não se sustenta para colocar em xeque uma eleição quando não se é vitorioso. Na medida em que as práticas fascistas, seja na vida real ou no mundo virtual – nas redes sociais –, apareceram mais amiúde, adquiriram ar de naturalidade, era insuportável não me insurgir contra elas. Eu me via aos vinte e poucos anos devolvendo a beca do coral da UFMA para não cantar para Geisel (Ernesto Geisel, 1907-1996), ditador do Brasil de 1974 a 1979.

Pouca gente imagina o que é, em tempos de fascismo, para uma estudante de medicina, no começo da noite, sair do parque Urbano Santos, passar pela praça do Panteon, descer a rua dos Remédios até ao palácio Cristo Rei, onde cantaríamos para o ditador, para devolver a beca ao maestro do coral, Giovanni Pellera, na véspera da solenidade, já com o largo dos Amores (praça Gonçalves Dias) cercado por policiais, depois de o meu nome ter sido carimbado como inofensivo e apto para cantar para o ditador.

Quem integrava o coral da UFMA,

O fascismo que ensaiava sair da toca reaparecia quando quem perdeu as eleições não aceitava uma vitória inegável, porém “apertada”

uma semana antes do evento, passou por um pente-fino! O maestro apenas disse: “Nossos nomes passaram”. E eu ria intimamente por enganar a ditadura! Fui da Juventude Operária Católica (JOC), mas já respondia politicamente ao PCdoB.

Fui uma das primeiras pessoas inscritas no coral da UFMA quando ele foi criado, em 1973. “Amo música e gosto de cantar. Não tenho uma voz e tanto, mas sou afinadíssima em meu naipe de contralto. Sou muito musical e do tempo em que canto orfeônico era uma disciplina escolar. Aprendi a solfejar e a ler partitura... Ser desasnada em música é um privilégio. Participei de corais do primário à

universidade” (“Sociologia da música caipira & da música sertaneja”, **O TEMPO**, 26.5.2009).

E por que devolvi a beca ao maestro? Eu não queria cantar para Geisel, mas não podia dizer o motivo! Após passar a barreira do Exército na entrada do palácio Cristo Rei, no auditório entreguei minha beca ao maestro (não recordo por que ele estava lá naquele horário), apenas disse que não poderia participar porque estava com febre e diarreia. Alguém disse: “É a estudante de medicina, está com diarreia”. Gelei!

Outro alguém pegou a lista de nomes e riscou o meu. Devo ter sido convincente o bastante e com certeza estava com um aspecto de doente porque nada me foi perguntado. Saí de lá zonza e, na altura de onde era o Colégio São Luís, comecei a chorar convulsivamente. Entrando em casa ainda chorava. Eu poderia não ter voltado – eram tempos de fascismo.

DUKE

